



\*Como citar (APA): Guimarães, C. B., Reis, D. C. dos, Ibiapina, I. C., Barroso, C. M., & Cavalcante L. I. C. Caracterização biopsicossocial de figuras parentais autoras de violência sexual contra crianças e adolescentes. *Psi Unisc*, 9, Artigo e19010. <http://doi.org/10.17058/psiunisc.v9i.19010>

**Tipo de Artigo:** Artigo de Pesquisa

**Caracterização biopsicossocial de figuras parentais autoras de violência sexual contra crianças e adolescentes<sup>1</sup>**

**Caracterización biopsicosocial de figuras parentales autores de violencia sexual contra niños y adolescentes**

**Biopsychosocial characterization of parental figures who commit sexual violence against children and adolescents**

**Camille Bastos Guimarães**

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/ Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4959-9949>

E-mail: [camillebastosg.psi@gmail.com](mailto:camillebastosg.psi@gmail.com)

**Daniela Castro dos Reis**

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/ Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9505-4516>

E-mail: [danireispara@gmail.com](mailto:danireispara@gmail.com)

**Iara Corrêa Ibiapina**

Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ), Belém– Pará/ Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7066-0043>

E-mail: [iaraciibiapina@gmail.com](mailto:iaraciibiapina@gmail.com)

**Clarisse Monteiro Barroso**

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/ Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6051-0856>

E-mail: [clarisse.barroso@ifch.ufpa.br](mailto:clarisse.barroso@ifch.ufpa.br)

**Lília Iêda Chaves Cavalcante**

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/ Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3154-0651>

E-mail: [liliaccavalcante@gmail.com](mailto:liliaccavalcante@gmail.com)

<sup>1</sup> Os autores declaram que esta contribuição é original e inédita. Desse modo, assegura-se que a obra não foi publicada em outro periódico científico.

## Resumo

**Introdução:** A violência sexual se apresenta como um fenômeno complexo, que se manifesta de diferentes formas de acordo com as interações pessoais, sociais, políticas e culturais que a moldam. **Objetivos:** Diante disso, esse estudo buscou investigar as características biopsicossociais de figuras parentais envolvidas em crimes sexuais contra crianças e adolescentes. **Método:** Foram analisados dados biopsicossociais extraídos de processos judiciais de 294 condenados por crimes sexuais no estado do Pará, utilizando um Formulário de Caracterização Biopsicossocial. O formulário abrangeu informações como idade, etnia, religião, escolaridade, ocupação, estado civil e composição familiar. **Resultados:** Ao calcular as frequências das variáveis, observamos que a maioria dos autores de violência era do sexo masculino, com idade acima de 30 anos na abertura do processo, autodeclarados pardos, com baixa escolaridade, e possuíam vínculo com a vítima. O teste exato de Fisher apontou resultados estatisticamente significativos ao associar a idade da primeira violência com as variáveis confessou o crime e faixa etária da vítima. **Conclusão:** O objetivo inicial do estudo foi alcançado, uma vez que foi possível mapear as características biopsicossociais dos participantes. Embora se trate de um trabalho complexo, estudar figuras parentais autoras de violência sexual é importante para que se possa compreender integralmente a problemática da violência sexual contra crianças e adolescentes.

*Palavras-chave:* violência sexual; figuras parentais; criança; adolescente.

## Resumen

**Introducción:** La violencia sexual se presenta como un fenómeno complejo, que se manifiesta de diferentes formas según las interacciones personales, sociales, políticas y culturales que la moldean. **Objetivos:** Ante esto, este estudio buscó investigar las características biopsicosociales de figuras parentales involucradas en delitos sexuales contra niños, niñas y adolescentes. **Método:** Se analizaron datos biopsicosociales extraídos de expedientes judiciales de 294 condenados por delitos sexuales en el estado de Pará, utilizando un Formulario de Caracterización Biopsicosocial. El formulario abarcó información como edad, etnia, religión, escolaridad, ocupación, estado civil y composición familiar. **Resultados:** Al calcular las frecuencias de las variables, observamos que la mayoría de los autores de violencia eran del sexo masculino, con edad superior a los 30 años al inicio del proceso, autodeclarados pardos, con baja escolaridad y que poseían vínculo con la víctima. La prueba exacta de Fisher indicó resultados estadísticamente significativos al asociar la edad de la primera violencia con las variables 'confesó el delito' y 'grupo etario de la víctima'. **Conclusión:** El objetivo inicial del estudio fue alcanzado, ya que fue posible mapear las características biopsicosociales de los participantes. Aunque se trata de un trabajo complejo, estudiar a figuras parentales autoras de violencia sexual es importante para comprender integralmente la problemática de la violencia sexual contra niños, niñas y adolescentes.

*Palabras-clave:* violencia sexual; figuras parentales; niño; adolescente.

## Abstract

**Introduction:** Sexual violence presents itself as a complex phenomenon, manifesting in different forms according to the personal, social, political, and cultural interactions that shape it. **Objectives:** Therefore, this study aimed to investigate the biopsychosocial characteristics of parental figures involved in sexual crimes against children and

adolescents. **Method:** Biopsychosocial data extracted from legal case files of 294 individuals convicted of sexual crimes in the state of Pará were analysed using a Biopsychosocial Characterization Form. The form covered information such as age, ethnicity, religion, education, occupation, marital status, and family composition. **Results:** By calculating the frequencies of the variables, we observed that most perpetrators were male, over 30 years old at the beginning of the legal process, self-declared as *Pardo* (mixed race), with low education, and had a relationship with the victim. Fisher's exact test indicated statistically significant results when associating the age at first violence with the variables 'confessed the crime' and 'victim's age group'. **Conclusion:** The study's initial objective was achieved, as it was possible to map the biopsychosocial characteristics of the participants. Although this is complex work, studying parental figures who are perpetrators of sexual violence is important for a comprehensive understanding of the problem of sexual violence against children and adolescents.

*Keywords:* sexual violence; parental figures; child; adolescent.

## Introdução

A violência sexual se apresenta como um fenômeno complexo, que se manifesta de diferentes formas de acordo com as interações pessoais, sociais, políticas e culturais que a moldam (Huang, Shen & Tung, 2022). Dentre os diversos elementos atravessam esse constructo, apesar de haver estudos que analisem as características e o contexto psicossocial dos autores dessa violência tais questões ainda carecem de aporte teórico na literatura científica do Brasil, especialmente considerando complexidade desse fenômeno (Ardenghi et al., 2024; Locatelli et al., 2023; Reis, 2016).

A partir da década de 1980, houve uma transformação gradual no modo de conceituação dos Autores de Violência Sexual Contra Criança e Adolescente (AVSCCA) por partes de muitos estudiosos e profissionais na área sociojurídica, além de mudanças na compreensão dos fatores associados à violência sexual (Reis, 2016). No Brasil, especialmente entre as pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais, pesquisadores começaram a reconhecer a relevância de explorar não somente as características sociojurídicas e sociodemográficas dos AVSCCA em diferentes contextos, mas também a presença de uma população diversificada com características heterogêneas em seus traços clínicos e biopsicossociais (Pereira et al., 2024; Reis, 2016).

No entanto, os métodos de investigação dessas características biopsicossociais dos AVSCCA necessitam ser aprimorados no âmbito científico, juntamente com estudos que explorem a trajetória de vida e os aspectos psicológicos, sociais, políticos e culturais que podem ter influenciado no processo de reprodução de violência sexual, os quais ainda carecem (Huang et al., 2022; Reis et al., 2022).

Apesar da carência de estudos acerca do constructo do perfil psicossocial de Autores de Violência Sexual Contra Criança e Adolescente, há pesquisas que demonstraram que as características diversas e heterogêneas encontradas nesses autores de violência podem ser explicadas pela interação dos fatores biopsicossociais presentes na trajetória de desenvolvimento desta população (Ardenghi et al., 2024; Huang et al., 2022).

Entende-se por características biopsicossociais se referem aos aspectos biológicos (idade, sexo, entre outras), psicológicos (autoestima, abuso de álcool e/ou outras drogas, estilo de apego e distorção cognitiva) e sociais (dinâmica familiar disfuncional, vínculo de parentesco, idade e sexo da vítima) (Ferraz, 2021; Pereira et al., 2024). Ressalta-se a idade como um dos fatores biológicos que é explorado no escopo de estudos de AVSCCA, tendo em vista as pesquisas que demonstram que esta população se situa, geralmente, na faixa etária entre 30 e 50 anos (Urzêdo & Aragão, 2024).

Huang et al. (2017) analisou 3.000 autores de violência sexual e empregou a técnica de modelagem de trajetória baseada em grupo para analisar as variações nas trajetórias de carreira criminal de quatro categorias de autores de violência sexual. Eles inferiram ainda que a idade de início do crime sexual tem um impacto crucial na reincidência sexual e associa que o início do crime sexual é um evento significativo na vida de um indivíduo e muda o ambiente ecológico e a experiência de aprendizagem do indivíduo.

Em relação às características psicológicas dos AVSCCA, a produção científica aponta questões associadas a distorções cognitivas, baixo autocontrole, Experiências Adversas na Infância (EAI) e a baixa capacidade de lidar com emoções de raiva, além de problemas com uso abusivo de substâncias psicoativas (Araújo & Cavalcante, 2024; Ferraz, 2021). O estudo de Ardenghi e colaboradores (2024) sinalizou que em termos de características psicológicas a perpetração da violência sexual contra criança e adolescente pode ser usada como estratégia de controle, a partir de uma dinâmica de poder que desumaniza as vítimas e classifica-as como vulneráveis.

Quantos aos atributos relacionados às características sociais, dados científicos sugerem que os autores de violência sexual, geralmente, conviveram com familiares e/ou conhecidos

que reproduziram comportamentos violentos e compartilhavam de crenças estigmatizantes e discriminatórias ao longo do processo de criação, de forma banalizada, bem como podem ter praticado violência sexual contra o autor na infância, tornando a violência uma referência de comportamento, o que pode ter ocasionado a repetição do ato (Araújo & Cavalcante, 2024; Ferraz et al., 2023). Além dessas características, outras são comumente relatadas na literatura: o vínculo de parentesco e o sexo da vítima (Urzêdo & Aragão, 2024). Na pesquisa de Ardenghi et al. (2024) identificou que a maioria dos autores de violência sexual tinha algum grau de proximidade com a vítima – em sua maioria, do sexo feminino – eram familiares ou pessoas, já que eles desenvolviam alguma função de confiança.

Para compreender as características biopsicossociais dos AVSCCA é necessário investigar as trajetórias de vida que marcaram o processo desenvolvimental e a formação da subjetividade desses sujeitos. Tal aspecto sinaliza que há fatores de risco e proteção vivenciados na trajetória de vida que fazem parte desse processo de desenvolvimento (Reis, 2016). Os fatores de risco referem-se a eventos ou circunstâncias desagradáveis que podem ocorrer na vida de um indivíduo e, quando presentes, de maneira frequente e contínua, podem impactar negativamente o processo desenvolvimental em diversas dimensões da vida: caráter, social, psicoemocional e ou cognitivo (Ferraz, 2021). A literatura sobre o desenvolvimento humano vem sendo construída no intuito de discutir a relação entre as condições desenvolvimentais saudáveis – afeto, segurança, carinho, estimulação visual e auditiva, por exemplo – e com os efeitos que podem influenciar padrões comportamentais na vida adulta (Ibiapina et al., 2025; Andrade et al., 2022; Xavier & Nunes, 2019).

Em relação aos fatores de risco de Autores de Violência Sexual Contra Criança e Adolescente, ainda é incipiente na literatura nacional (Reis, 2016). De acordo com a pesquisa de Kaiser et al. (2021), os autores de violência se desenvolveram em um contexto permeado adversidades na infância, as quais envolvem vulnerabilidades socioeconômicas e emocionais, incluindo ter sido vítimas de violência sexual por entes familiares.

Destaca-se que os múltiplos fatores identificados na trajetória de vida de AVSCCA possuem uma relação de interdependência, o que pode potencializar comportamentos violentos sem que esses indivíduos necessariamente apresentem algum transtorno psicopatológico (Araújo & Cavalcante, 2024; Reis 2016). Nessa lógica, reitera-se a relevância de compreender os fatores de risco que atravessaram as vivências na trajetória de vida de Autores de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes.

Estudos acerca dos fatores de risco demonstraram que o gênero, o acesso a armas, a renda familiar, o uso de drogas, a relação familiar conflituosa e o despreparo da escola, atuaram como fatores e que podem ter favorecido o desenvolvimento e a manifestação de comportamentos socialmente indesejáveis (Urzêdo & Aragão, 2024; Arbanas et al., 2022).

Diante de tais aspectos, pode-se sinalizar alguns fatores de risco: o individual, o contextual e o familiar. Em relação ao fator individual pode-se sinalizar os transtornos mentais, o uso abusivo de álcool e substâncias psicoativas e a percepção sobre gênero, por exemplo (Araújo e Cavalcante, 2024; Soares et al., 2021). Quanto ao fator de risco relacionado ao contexto encontram-se as condições socioeconômicas e a escolaridade (Kaiser et al., 2021). O fator que envolve relações familiares sinaliza práticas parentais que provocam insegurança e instabilidade emocional (Ferraz et al., 2023).

Fatores de risco individual pode estar associado ao aumento de comportamentos violentos ao uso de substâncias, incluindo álcool (Cochra et al., 2021). O estudo de Araújo e Cavalcante (2024) identificou o consumo descontrolado de álcool, em alguns casos, após momentos de desregulação emocional e a proeminência de sentimentos de raiva, como um dos fatores influentes para a perpetração de comportamentos violentos.

O estudo dos fatores de risco familiares permite compreender o papel das figuras parentais, o que conduz à discussão do contexto intrafamiliar. As pesquisas de Felitti (1998) e

Ferraz (2021) destaca a presença de uma base familiar instável. Entre os elementos apontados estão o abuso de substâncias pelos pais, criminalidade parental, mães adolescentes, discórdia conjugal, violência familiar, negligência e abuso parental, ausência de supervisão e controle, disciplina severa ou inconsistente e falta de apoio ou envolvimento dos pais.

Em contrapartida, fatores familiares também podem atuar como elementos protetores. Em pesquisa realizada por Muniz e colaboradores (2023) identificou-se que os cuidadores exercem um papel essencial na prevenção da violência contra as mulheres. Esse envolvimento de cuidado pode evitar que os filhos vivenciem experiências de rejeição na infância, promovendo uma educação saudável, isenta de reprodução de violências, sobretudo sexuais.

Além dos fatores familiares, o contexto social mais amplo também exerce influência significativa. Segundo o estudo de Urzêdo & Aragão (2024), diversos fatores de risco são frequentemente associados a essa população, a exemplo da pobreza, escolaridade dos pais, tamanho e estrutura da família, sexo do chefe da família, idade de início do trabalho dos pais, local de residência e trabalho infantil. Essas condições socioeconômicas podem impactar diretamente a educação – com prejuízos à frequência e ao aproveitamento escolar – a inserção no mercado de trabalho – com desvalorização salarial e baixa autoestima – e a saúde – causando danos físicos, emocionais, morais e psíquicos (Urzêdo & Aragão, 2024).

Tal conjunto de adversidades compromete a autoestima, afeta a capacidade cognitiva e a habilidade de expressar empatia, potencialmente aumentando a suscetibilidade do indivíduo à prática de violência sexual contra crianças e adolescentes. Complementando essa perspectiva, Kaiser et al. (2021) destacam que outros fatores ambientais, como cultura e características da vizinhança, também podem contribuir para esse cenário.

Diante do exposto destaca-se que entender as características e fatores de riscos associados ao comportamento violento é de extrema importância para reduzir e prevenir a violência sexual contra criança e adolescente (Kaiser et al., 2021) sobretudo no contexto das relações intrafamiliares que viola diversos direitos e responsabiliza os adultos que deveriam proteger, educar e apoiar emocionalmente crianças e adolescentes. Assim, o objetivo deste artigo foi investigar as características biopsicossociais de figuras parentais Autores de Violência Sexual Contra Criança e Adolescente e identificar os fatores de risco presentes nos dados documentais de processos jurídicos.

## 2. Metodologia

### 2.1 Contexto da pesquisa

O estudo foi realizado em seis diferentes cidades no estado do Pará: Abaetetuba, Altamira, Ananindeua, Belém, Castanhal e Parauapebas. O estado do Pará é composto por um total de 174 cidades, que são agrupadas em seis áreas geográficas maiores, conhecidas como mesorregiões. Essas mesorregiões são o Baixo Amazonas, o Marajó, a região Metropolitana de Belém, o Nordeste, o Sudeste e o Sudoeste Paraense. A seleção dessas cidades foi baseada em critérios que consideraram fatores geopolíticos, levando em conta a importância política e administrativa das cidades no contexto do estado do Pará. Essa seleção considerou a relevância geográfica dessas áreas para o estado, mas também levou em consideração a presença de distritos judiciais que têm testemunhado processos históricos de violações dos direitos de crianças e adolescentes, abrangendo uma ampla gama de formas de violência, incluindo questões relacionadas à integridade sexual.

### 2.2 Consideração éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado segundo o parecer do Núcleo de Medicina Tropical-NMT/ Universidade Federal do Pará UFPA emitido em 15/05/2014.

## **2.3 Amostra**

O estudo utilizou dados secundários a partir do exame de 540 documentos jurídicos extraídos dos processos judiciais que dizem respeito nesta pesquisa de 294 homens e mulheres, figuras parentais, acima de 18 anos autores de violência sexual contra criança e adolescente, sentenciados pelo crime de violência sexual de criança e adolescente entre os anos de 2012 e 2014 em seis municípios do estado do Pará. O recorte temporal dos processos (2012-2014) seguiu a autorização concedida pelo órgão custodial, atendendo a protocolos éticos de acesso. O tamanho da amostra levou em conta o número de processos jurídicos localizados em cada município: Abaetetuba (11), Altamira (11), Ananindeua (57), Belém (176), Castanhal (4), Santa Isabel (11) e Parauapebas (24). O recorte temporal dos processos (2012-2014) seguiu a autorização concedida pelo órgão custodial, atendendo a protocolos éticos de acesso.

## **2.4 Instrumentos e materiais**

O Formulário de Caracterização Biopsicossocial utilizado neste estudo foi concebido e elaborado pelo Grupo de Estudo de Autores de Violência (GEAV), vinculado ao Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED) da Universidade Federal do Pará. Este instrumento foi estruturado para registrar informações em duas grandes dimensões. A primeira contempla as Características Biopsicossociais, com 14 itens voltados para a identificação sociodemográfica dos participantes, bem como das vítimas. Enquanto a segunda dimensão abrange a avaliação de Fatores de Risco, totalizando 47 itens.

Os fatores de risco foram agrupados em três categorias. Os fatores individuais (16 itens) compreendem aspectos como agressividade, traços psicopatológicos (ciúme patológico, cognição confusa, delírios, humor deprimido/ansioso, ideação homicida/suicida, impulsividade, obsessão/compulsão), questões de autoimagem, saúde grave, tentativa de suicídio e uso de substâncias (drogas ilícitas e álcool). Já os fatores familiares (14 itens), envolve a estrutura e dinâmica familiar, como abandono, baixo nível econômico, separação dos pais, negligência, ausência de cuidados parentais, doença na família, recasamento, pai desconhecido, além de experiências de violência (sexual, institucional, psicológica, física) e a perpetuação de violência contra a mulher. Por fim, os fatores contextuais (17 itens) referem-se ao ambiente social e situacional, incluindo acesso a substâncias psicoativas e armas, problemas diversos (habitacionais, econômicos, com a justiça, legais), histórico criminal, condições de vida precárias (dormir na rua, moradia desorganizada) e exposição a contextos de fanatismo religioso, gravidez na parceira e venda de drogas.

## **2.5 Procedimento de coleta**

A primeira fase deste estudo envolveu o contato com as autoridades competentes, com a finalidade de explicar os objetivos da pesquisa e solicitar permissão para acessar documentos legais. Para isso, foi elaborado um documento de autorização institucional assinado pelo juiz responsável pela Vara de Crime contra Crianças e Adolescentes nos municípios incluídos na pesquisa.

Em seguida, realizou-se uma consulta aos registros legais das pessoas condenadas, a fim de obter informações relevantes sobre suas características biopsicossociais. Essa coleta de dados ocorreu nos arquivos do sistema judiciário e envolveu a análise dos documentos dos processos legais que durou aproximadamente quatro meses, ocorrendo de março a julho de 2014. A autorização concedida limitou-se a esse período, atendendo a protocolos éticos de acesso a informações sensíveis. Essa tarefa foi realizada pela equipe do GEAV/LED. O início da coleta se deu por Abaetetuba, seguindo para Belém e concluído em Parauapebas. No entanto, devido ao grande número de processos em Belém, a coleta de dados foi mais extensa nesse município, pois exigiu a análise minuciosa de cada peça processual.

## 2.6 Procedimentos de análise

As informações coletadas foram organizadas em planilhas no programa Excel da Microsoft. As variáveis das características biopsicossociais foram: sexo, faixa etária, cor/etnia, afiliação religiosa, estado civil, contexto de residência, idade da primeira violência, confessou o crime, religião, escolaridade, situação conjugal, possui filhos, vínculo de parentesco com a vítima, contexto da violência, sexo da vítima e faixa etária da vítima. Estes dados foram submetidos a análises descritivas calculando a medidas estatísticas de tendência central, assim como foram realizadas frequência relativa e absoluta.

Numa etapa subsequente, realizou-se uma análise dos fatores de risco individuais, familiares e contextuais. Para a análise dos fatores de risco, realizou-se uma análise exploratória cruzando as variáveis biopsicossociais. Para conduzir estas análises, recorreu-se ao software SPSS (*Statistical Package For The Social Sciences*), que possibilitou o cálculo de médias, a aplicação de testes qui-quadrado e a execução do teste exato de Fisher, proporcionando uma avaliação das associações entre variáveis. É válido mencionar que inicialmente, para determinar a significância estatística das associações identificadas, recorreu-se ao uso da estatística Qui-quadrado. Entretanto, durante o processo de análise, observou-se que os dados não se ajustavam aos pressupostos fundamentais necessários para a aplicação apropriada do teste qui-quadrado. Dessa forma, uma decisão metodológica cuidadosa foi tomada, optando pelo teste exato de Fisher como a abordagem estatística mais adequada.

## 3. Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados em um formato estruturado em três etapas distintas. A primeira etapa será apresentada por meio das análises das características biopsicossocial das figuras parentais que perpetraram agressões sexuais contra crianças e adolescentes: características biológicas, psicológicas e sociais das figuras parentais. A segunda etapa dos resultados se concentrará na caracterização dos fatores de risco que emergiram das análises. Na terceira a apresentação dos resultados abordará as associações significativas entre a idade da primeira violência e as demais variáveis.

### 3.1 Caracterização biopsicossocial

A Tabela 1 apresenta os dados de frequência das características biopsicossociais dos processos jurídicos dos autores de violência sexual contra crianças e adolescentes. Os dados da Tabela 1 envolvem treze categorias, sendo elas: sexo, faixa etária, cor/etnia, religião, situação conjugal, escolaridade, confessou o crime, idade da primeira violência, contexto da violência, possui filhos, vínculo de parentesco com a vítima, sexo da vítima e faixa etária da vítima.

**Tabela 1**

*Características biopsicossociais de figuras parentais autoras de violência sexual.*

Variável	N = 294	% (f)
Sexo		
Feminino	10	3,40
Masculino	283	96,26
Sem informação	1	0,34
Faixa etária		
< 30	32	10,88
≥ 30	260	88,44
Sem informação	2	0,68

<b>Cor/Etnia</b>		
Branca	24	8,16
Parda	154	52,38
Preta	19	6,46
Sem informação	97	32,99
<b>Idade da primeira violência</b>		
< 40	156	53,6
≥ 40	120	40,82
Sem informação	18	6,12
<b>Confessou o crime</b>		
Sim	33	11,22
Não	251	85,37
Sem informação	10	3,40
<b>Religião</b>		
Católica	83	28,23
Religião Espírita	1	0,34
Evangélica	30	10,20
Religiões de Matrizes Africanas	5	1,70
Sem religião	14	4,76
Sem informação	161	54,76
<b>Escolaridade</b>		
Nunca estudou	15	5,10
Creche	95	32,31
Pré-escola	29	9,86
Ensino Fundamental Incompleto	27	9,18
Ensino Fundamental Completo	57	19,39
Ensino Médio Incompleto	4	1,36
Ensino Médio Completo	13	4,42
Sem informação	54	18,37
<b>Possui filhos</b>		
Sim	294	100
Não	0	0
<b>Vínculo de parentesco com a vítima</b>		
Mãe	4	1,36
Pai	44	14,97
Irmão	4	1,36
Avô/Avó	19	6,46
Avôdrasto	9	3,06
Primo(a)	39	13,27
Tio(a)	51	17,35
Padrasto/Madrasta	5	1,70
Não se aplica	119	40,48
<b>Contexto da violência</b>		
Zona urbana	264	89,79
Zona rural	19	6,46
Ribeirinho	1	0,34
Sem informação	10	3,40
<b>Sexo da vítima</b>		
Feminino	261	88,78
Masculino	33	11,22

Faixa etária da vítima			
Criança	170	57,82	
Adolescente	123	41,83	
Sem informação	1	0,34	
Total	294	100%	

Quanto às características biológicas, os resultados revelam um perfil predominante de autores do sexo masculino, com idade igual ou superior a 30 anos e autodeclarados pardos. Tais achados alinham-se às evidências previamente documentadas na literatura nacional, que também sinalizam a predominância de homens adultos como perpetradores, tanto em contextos intra quanto extrafamiliar (Miranda et al., 2020; Costa et al., 2018; Costa, 2015). Essa convergência é reforçada por revisões amplas da literatura, as quais revelam o perfil do autor de violência sexual como majoritariamente masculino e adulto (Locatelli et al., 2023).

No tocante a características étnico-raciais, a análise revelou um número significativo de agressores autodeclarados não brancos. Este dado, porém, deve ser analisado com cautela, considerando a seletividade racial e social do sistema de justiça criminal brasileiro. Como evidenciado por estudos (Wermuth, 2018; Ibiapina et al., 2025), a população encarcerada é majoritariamente negra, jovem e com baixa escolaridade, reflexo das desigualdades estruturais e da herança escravocrata. Essa dinâmica é explicada pelo "Pacto da Branquitude" (Bento, 2022), que mantém privilégios brancos e naturaliza a criminalização da população negra. Diante disso, a sobrerepresentação de autores não brancos nos registros judiciais pode refletir mais os vieses estruturais do sistema do que a realidade intrínseca ao ato de violência sexual.

Referente à idade da primeira violência, observa-se que a maior parte da amostra possuía menos de quarenta anos quando cometeu a primeira violência. Na pesquisa de Reis (2016) identificou que a média da idade da primeira violência de autores de violência sexual adultos é de indivíduos com mais de 30 anos. Como mencionado por Ferraz (2021) e McKillop et al., (2018) demonstraram que os autores de agressões sexuais que cometeram sua primeira violência na adolescência e na vida adulta exibem características pessoais e motivações distintas. Os resultados do estudo de McKillop et al., (2018) revelaram que a idade média no momento da primeira violência para os autores de violência adolescentes era de 14 anos, enquanto para os adultos era de 34 anos.

No âmbito psicológico, destaca-se o fenômeno da negação do ato praticado, comumente associado na literatura especializada ao construto das Distorções Cognitivas. Os estudos acerca das distorções cognitivas de autores de violência sexual contra criança e adolescente têm sinalizado a presença desses pensamentos disfuncionais nessa população, desde aquelas que tendem a negar o ato praticado como aquelas relacionadas à negação e/ou à minimização da ação de maneira geral (Hazama & Katsuta, 2023; Nunes & Jung, 2012). Destaca-se que estudos sobre distorção cognitiva ainda são recentes, e necessitam de mais pesquisas com o intuito de identificar sua presença sistemática, o que tem levado à ausência de consenso entre os pesquisadores.

As características sociais sinalizaram que, no que se refere à religião mais da metade dos dados coletados não traz informações sobre essa variável nos processos jurídicos. Entre os casos em que a informação foi registrada, observou-se uma predominância de adeptos do catolicismo. A literatura destaca que as redes de apoio social, incluindo as redes religiosas, podem atuar como importantes fatores de proteção, oferecendo suporte para o desenvolvimento e para o enfrentamento de adversidades (Reis et al., 2022).

Quanto à escolaridade, observou-se uma prevalência de 70,74% (n=208) de participantes com baixa escolaridade (até o ensino fundamental completo). Esse resultado está em consonância com a literatura da área, que associa a baixa escolaridade a um perfil de risco

comum entre autores de violência sexual (Locatelli et al., 2023), corroborando achados de estudos nacionais anteriores (Habigzang et al., 2005). No que se refere à situação conjugal, a maioria dos autores encontrava-se separada. Tais achados convergem com os de pesquisas mais recentes (Costa et al., 2018; Ferraz, 2021), que também identificaram a separação conjugal como uma característica frequente nessa população.

Acerca do vínculo específico com a vítima, os tios representavam a maioria da amostra. Esse padrão, que evidencia a preponderância da violência intrafamiliar converge com achados de outros contextos brasileiros, que reitera familiares ou pessoas muito próximas como os principais autores de violência sexual contra crianças (Locatelli et al., 2023; Miranda et. al., 2020; Said, 2017). Conforme os achados de Sodipo (2018) cerca de três quartos dos perpetradores eram conhecidos de suas vítimas. Diante disso, enfatiza-se que a violência é comumente cometida por pessoas inclusas no contexto intrafamiliar da vítima, o que facilita o acesso a vítima, que por sua vez é caracterizado como um fator de risco situacional para a violência sexual (Brandão et al., 2019; Seto, 2012, Quayle & Taylor, 2003).

Acerca do contexto da violência, 89,79% (n=264) se deram na zona urbana, 6,46% (n=19) na zona rural e 0,34% (n=1) em áreas ribeirinhas; 3,40% (n=10) não apresentavam informação sobre essa variável. Semelhantes aos achados de Costa (2015), o contexto predominante foi a zona urbana. Esses dados podem estar associados ao fato de as pessoas na zona rural e ribeirinha terem baixo acesso à serviços tais como delegacia e serviço de proteção às vítimas, o que pode levar a subnotificação nas zonas rural e ribeirinha da violência sexual. Conforme um estudo ecológico desenvolvido por Costa et al. (2021), em que se verificou uma ocorrência maior de casos nas regiões sul e norte, respectivamente, os autores apontam que algumas regiões podem ser mais notificadas quando comparadas a outras.

A análise das características das vítimas revela uma distribuição assimétrica em relação ao gênero, com uma esmagadora maioria do sexo feminino (88,78%), ante 11,22% do sexo masculino. No que se refere à faixa etária, observa-se uma clara preponderância de adolescentes, que correspondem a 67,01% da amostra, enquanto as crianças representam 25,85% dos casos. Esse padrão, que evidencia a adolescente do sexo feminino como a vítima típica, não apenas se alinha a achados precedentes da literatura nacional, mas é fortemente respaldado por análises interseccionais recentes. Tais estudos destacam que a confluência dos marcadores de gênero feminino, faixa etária adolescente e, frequentemente, raça não branca configura um perfil de vulnerabilidade social acentuada e consistente à violência sexual no Brasil (Urzêdo & Aragão, 2024). Paralelamente, os dados referentes às vítimas do sexo masculino, ainda que numericamente menos expressivos, tendem a concentrar-se em faixas etárias mais baixas (Cavalcante & Reis, 2018), sugerindo dinâmicas de vitimização distintas.

### **3.2 Fator de risco individuais, familiares e contextuais**

A Tabela 2 fornece a análise das frequências dos fatores de risco presentes nos processos jurídicos relatados. A Tabela 2 foi dividida em três grupos: fatores de risco individuais, fatores de risco familiares e fatores de risco contextuais.

**Tabela 2**

*Fatores de risco individuais, familiar e contextual*

Variável	N = 294	% (f)	
Fatores de risco individuais	Sim	Não	<sup>a</sup> SI
Agressividade	14,29	23,81	61,90
Cíume Patológico	2,38	35,71	61,90
Cognição Confusa	0,34	37,76	61,90
Delírios	0,34	37,76	61,90

Humor deprimido	0,68	37,41	61,90
Humor ansioso	0,68	37,41	61,90
Ideação homicida	1,70	36,39	61,90
Ideação suicida	0,68	37,41	61,90
Impulsividade	1,36	36,73	61,90
Obsessão/compulsão	0,34	37,76	61,90
Problemas com a aparência física	0,34	37,76	61,90
Ter alguma doença grave ou lesões sérias	0,68	37,41	61,90
Tentativa de suicídio	0,34	37,76	61,90
Uso de drogas ilícitas	6,12	31,97	61,90
Uso abusivo do álcool	24,49	13,61	61,90
Compulsivo por sexo	0,34	41,16	58,50
<b>Fatores de risco familiares</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>SI</b>
Abandono	0,34	13,95	85,71
Baixo nível econômico da família	3,74	10,54	85,71
Separação dos pais	0,34	13,95	85,71
Sofrer grave acidente	0,34	13,95	85,71
Não ter recebido cuidado ou atenção dos pais	1,70	12,59	85,71
Negligência familiar	1,70	12,59	85,71
Tem alguém doente na família	1,70	12,59	85,71
Um dos pais ter casado novamente	0,34	13,95	85,71
Violência sexual	1,02	13,27	85,71
Violência institucional	0,34	13,95	85,71
Violência psicológica	0,68	13,61	85,71
Sofrer Violência física	2,04	12,24	85,71
Pai desconhecido	0,34	13,95	85,71
Praticar violência física contra a mulher	3,06	25,51	71,43
<b>Fatores de risco contextuais</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>SI</b>
Acesso à bebida alcoólica	43,8	8,50	47,62
Acesso ao crack	0,68	51,70	47,62
Acesso a cocaína	2,04	50,34	47,62
Acesso a remédio	1,02	51,36	47,62
Acesso a maconha	2,72	49,66	47,62
Acesso a cigarro	0,68	51,70	47,62
Dormir na rua	0,34	52,04	47,62
Fanatismo religioso	1,02	51,36	47,62
Ficar grávida ou namorada grávida	0,68	51,70	47,62
Problemas com a justiça	2,72	49,66	47,62
Problemas habitacionais	2,38	50,00	47,62
Problemas com o sistema legal/criminal	4,08	48,30	47,62
Problemas econômicos	1,02	51,36	47,62
Problemas com o social	0,34	52,04	47,62
Histórico criminal	3,06	49,32	47,62
Vender drogas	0,68	51,70	47,62
Casa suja e desorganizada	0,34	52,04	47,62
Acesso a armas	1,02	51,36	47,62
<b>Total</b>	<b>294</b>	<b>100%</b>	

<sup>a</sup> SI: Sem informação.

No que se refere aos fatores de risco individuais, os itens com maior frequência foram: uso abusivo de álcool (24,49%), agressividade (14,29%) e uso de drogas ilícitas (6,12%). Esses achados alinharam-se com estudos específicos sobre autores de violência sexual, nos quais o uso de substâncias e a agressividade são fatores recorrentes (Ferraz, 2021; Almeida et al., 2014). A associação entre uso de substâncias e violência sexual é documentada em diferentes contextos: Valença et al. (2012), em estudo com 113 homens condenados por crimes sexuais nos Estados Unidos, observou que 74% dos participantes atendiam a critérios para transtornos relacionados ao uso de substâncias; em Portugal, Fernandes (2014) constatou que 66,7% dos autores estavam sob influência de álcool no momento do delito; e no Brasil, Habigzang et al. (2005) identificou que 53,2% dos agressores sexuais eram usuários de álcool e 27,7% faziam uso abusivo de outras substâncias.

Pesquisas mais recentes, como as de Araújo et al. (2022) e Ferraz (2021), apontam que esse padrão de consumo frequentemente coexiste com históricos de violência e adversidade na infância, atuando como um fator de risco proximal que pode aumentar a vulnerabilidade a comportamentos agressivos e desregulados, inclusive de natureza sexual. Esse achado encontra ressonância em estudos que destacam a coocorrência entre uso de substâncias, experiências adversas na infância e psicopatologias (Levenson et al., 2016; Ferraz, 2021). Dessa forma, o abuso de substâncias não apenas desinibe condutas, mas também reflete estratégias disfuncionais de enfrentamento diante de traumas precoces e contextos desenvolvimentais desfavoráveis.

Em contraste, Marques (2015), ao analisar 127 encarcerados por diversos delitos em Lisboa, observou que o consumo de substâncias não se mostrou um fator de risco criminal significativo naquela amostra, resultado que pode refletir o perfil de baixo risco de reincidência dos participantes (Lowenkamp & Latessa, 2004). Tal divergência sugere que os fatores de risco podem variar conforme o tipo de infração e o perfil do autor (Reis, 2016).

Entre os fatores de risco familiares, destacam-se baixo nível socioeconômico familiar (3,74%), prática de violência física contra a mulher (3,06%) e sofrer violência física (2,04%). As adversidades socioeconômicas estão frequentemente associadas a ambientes que propiciam múltiplas vulnerabilidades e violências, contribuindo para o desenvolvimento de problemas comportamentais ao longo da trajetória de vida (Urzêdo & Aragão, 2024).

Em um contexto de abuso sexual durante a infância, em que a criança é colocada em uma posição de completa submissão e perda de controle sobre seu próprio corpo, pode ocorrer a ativação de potenciais de agressividade como mecanismo para lidar com situações adversas que possam surgir posteriormente e que se assemelhem ao cenário original. Essas respostas seletivas, originárias da experiência de abuso sexual, acabam se estruturando cognitivamente. Isso significa que a pessoa que passou por essa experiência constrói uma interpretação específica dela, e as respostas seletivas desenvolvidas passam a orientar as crenças e os comportamentos desse indivíduo de maneira significativa (Bronfenbrenner & Morris, 1998/2006).

Verificou-se que entre jovens autores de violência sexual a maioria foi vítima de alguma forma de abuso, seja ele físico, emocional/negligência ou sexual. Revisões recentes sobre o perfil dos autores apontam para uma maior vitimização múltipla na infância entre essa população (Locatelli et al., 2023). Outro ponto destacado é de que não se trata somente de uma violência mais direta, mas é necessário considerar o ambiente em que isso ocorre. Uma vez que a família constitui o ambiente de aprendizado mais relevante no período da infância, ambientes marcados por violência e uma dinâmica familiar conflituosa podem corroborar para a manifestação de uma série de comportamentos problemáticos na vida adulta, como a violência sexual (Siria, Echeburúa & Amor, 2020).

A pesquisa documental com fontes judiciais também evidencia a recorrente presença de histórias de violência física sofrida na infância e adolescência na trajetória de indivíduos que

cometeram violência sexual (Locatelli et al., 2023). Em um dos relatos apresentados por Reis (2016), um entrevistado menciona que ao longo de sua vida, residia em uma comunidade caracterizada pela violência e convivia com uma família cujas práticas parentais consistentemente refletiam traços de agressividade.

No que se refere aos fatores de risco contextuais que apresentaram maiores frequências foram: acesso a bebida alcóolica (43,80%), problemas com o sistema legal/judicial (4,08%) e histórico criminal (3,06%). O consumo de álcool se destaca como um fator de risco proximal, frequentemente associado à desinibição de comportamentos agressivos, conforme apontado por estudos recentes (Ferraz, 2021; Araújo et al., 2022). Essa associação encontra respaldo em revisões da literatura que identificam o uso abusivo de substâncias como uma característica recorrente no perfil de autores de violência sexual (Locatelli et al., 2023; Ferreira, 2020).

A literatura nacional tem evidenciado padrões de reincidência e a presença de múltiplas experiências de violência nas trajetórias de autores de violência sexual (Reis, 2016; Ferraz, 2021; Franco, 2022). Esse perfil de reincidência é corroborado pelos dados da presente amostra, na qual predominava a repetição de crimes sexuais entre os autores com histórico criminal. Em seu estudo, Franco (2022), analisou 333 condenados por crimes sexuais contra vítimas de até 14 anos, e identificou que 92,8% dos autores tinham histórico de outros abusos sexuais contra crianças, sendo crimes não sexuais uma minoria em sua amostra (apenas três casos, dois deles online).

De maneira geral, esses dados forneceram uma percepção dos diversos fatores de risco presentes no ambiente familiar e contextual dos participantes envolvidos em casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. As variáveis apresentadas encapsulam as diferentes dimensões de risco que podem influenciar a trajetória dos indivíduos envolvidos em casos de violência sexual contra crianças e adolescentes e lançam luz sobre os contextos nos quais essas pessoas se encontravam e os possíveis fatores que poderiam ter levado ao cometimento da violência sexual contra criança e adolescente. Esses fatores, desempenham um papel crucial na compreensão das circunstâncias subjacentes a tais crimes e podem informar medidas preventivas e de intervenção mais eficazes.

### **3.3 Associação entre a idade da primeira violência e as características biopsicossociais**

Os dados da tabela 3 estão as associações entre a idade da primeira violência e as variáveis biopsicossociais significantes neste trabalho.

**Tabela 3**

*Associação entre idade da primeira violência e outras variáveis*

Idade da primeira violência	N de casos válidos	P-valor	X <sup>2</sup>	Média
Confessou o crime	284	0,00*	16,90	1,88
Faixa etária da vítima	293	0,00*	14,95	1,42

\* P >0,05, significância.

As variáveis, confessou o crime ( $p=0,00$ ;  $M=1,88$ ) e faixa etária da vítima ( $p=0,00$ ;  $M=1,42$ ) apresentaram resultados significativos quando associados a variável idade da primeira violência. Esses resultados sugerem que a idade em que ocorre a primeira violência pode influenciar a probabilidade de um indivíduo confessar a agressão cometida. Ainda, os resultados indicam uma associação estatisticamente significativa entre a idade da primeira violência e a faixa etária da vítima, sugerindo que a idade do primeiro ato agressivo também pode influenciar a escolha da vítima com base na faixa etária. É crucial destacar que a significância estatística observada não implica causalidade direta. Portanto, é imperativo realizar análises mais

aprofundadas para compreender de maneira mais precisa a natureza e direção dessas associações.

A relação com a confissão corrobora e amplia achados prévios da literatura. Enquanto Costa (2015) identificou uma menor taxa de confissão em crimes de natureza intrafamiliar, os dados atuais sugerem que a precocidade do início da carreira ofensiva pode ser uma variável explicativa associada a essa resistência. É plausível que um início mais precoce esteja enraizado em dinâmicas familiares disfuncionais e prolongadas, as quais, conforme achados na literatura, são recorrentes na trajetória desses autores e fortalecem mecanismos de negação e silêncio (Locatelli et al., 2023). Ainda, Baía et al. (2015) verificou associações quanto ao padrão de revelação dos casos de violência sexual, observando que, exceto pela faixa etária da vítima, o principal fator contribuinte para a perduração dos casos de violência tratava-se da dinâmica do segredo e do poder recorrente em ambientes intrafamiliares em função do vínculo de proximidade entre a vítima e o agressor.

Martins e Jorge (2010) ao conduzir uma pesquisa no ano de 2006, no município de Londrina, no Paraná, verificaram um total de 186 registros de casos de abuso sexual envolvendo crianças e adolescentes com idades entre zero e 14 anos. Destaca-se nesse estudo o meio de revelação dos casos, que se deu principalmente a partir de terceiros. O estudo revela que os principais denunciantes desses abusos foram, em sua maioria, membros da própria família, incluindo tios, cunhados, irmãos e primos, representando 67,2% das denúncias. Em segundo lugar, foi encontrado as mães, responsáveis por 8,1% das denúncias, seguidas pelos diretores das escolas (7,0%), pais (5,4%), profissionais de saúde (3,2%), vizinhos (2,7%), as próprias vítimas (2,7%), avós (1,6%), denúncias anônimas (1,1%) e outros tipos de denunciantes (1,1%). Esses dados revelam uma distribuição das denúncias de abuso sexual em relação à idade das vítimas e ao vínculo de parentesco dos denunciantes, destacando a prevalência de familiares próximos como os principais autores de violência.

A violência sexual no contexto intrafamiliar, além de ser a forma mais comum, cria um cenário de extrema vulnerabilidade para a vítima, na qual figuras de confiança e afeto se transformam em agressores (Urzêdo & Aragão, 2024). A dinâmica do segredo e o medo de represálias ou da desintegração familiar impõem uma intensa opressão (Gomes et al., 2014), fazendo com que a vítima muitas vezes perceba o abuso como natural (Gomes et al. 2014). Estudos sobre a revelação desses casos indicam que a maioria das denúncias parte de familiares próximos, e não da vítima direta, evidenciando a profundidade dos entraves à quebra do silêncio (Locatelli et al., 2023).

#### **4. Considerações Finais**

O objetivo dessa pesquisa, de caráter descritivo e exploratório, foi mapear as características biopsicossociais de figuras parentais autoras de violências sexual contra crianças e adolescentes. Além disso, tentou-se verificar a existência de uma associação entre a idade da primeira violência e as características biopsicossociais e os fatores de risco. A associação com os fatores de risco não houve significância por isso não foi relatado. Compreender esses aspectos e relações são fundamentais para apreender o fenômeno da violência sexual, e assim, fornecer subsídios conceituais para a fomentação de intervenções sociais a fim de reduzir os impactos da violência, e assim tentar romper o ciclo da violência.

Embora se trate de um trabalho complexo, estudar o papel das figuras parentais autoras de violência sexual é importante para que se possa compreender integralmente a problemática da violência sexual contra crianças e adolescentes. A partir disso, é possível promover uma maior conscientização da existência da violência sexual intrafamiliar, contribuindo assim, para sensibilização social acerca da gravidade dessa problemática e as consequências devastadoras para as vítimas, além de desconstruir mitos e estereótipos acerca da violência sexual contra criança e adolescente. A sensibilização e a conscientização acerca do tema favorecem o

desenvolvimento de estratégias de proteção às vítimas e a criação de políticas públicas para ajudar a criar ambientes seguros para que possam denunciar a violência.

Como limitação dessa pesquisa, pode-se sinalizar que dados provenientes de processos jurídicos podem apresentar lacunas de informações devido a questões de sigilo legal, à natureza documental da fonte (cuja finalidade primária é processual, não de pesquisa, resultando na não investigação ou registro sistemático de variáveis de interesse psicossocial), acesso limitado e complexidade das questões legais, entre outros possíveis entraves, constituindo assim uma limitação nesse estudo. Cabe aqui apontar que tais limitações podem ter levado à não identificação de associações significativas entre as características biopsicossociais e os fatores de risco. Assim, sugere-se que novas investigações possam ser desenvolvidas, empregando métodos complementares, a fim de que essas lacunas possam ser preenchidas.

Como perspectiva para outras pesquisas, necessário que novos estudos centrem atenção em dados documentais considerando o gênero, o modo operante, mulheres autoras e explorar dados sobre o acesso e uso às drogas lícitas e ilícitas de autores de violência sexual contra criança e adolescente. Por fim, é válido ressaltar que a pesquisa sobre esse tema urge uma abordagem ética e sensível. Diante disso, é preciso proteger a privacidade das vítimas e dos autores de violência e garantir que as informações obtidas sejam usadas para o bem-estar e proteção das pessoas envolvidas, evitando ainda mais estigmas. Além disso, qualquer estudo sobre violência sexual deve ser conduzido com o máximo de rigor metodológico para que seus resultados sejam confiáveis e válidos.

## Referências

- Almeida, R. M. M., Trentini, L. B., Klein, L. A., Macuglia, G. R., Hammer, C., & Tesmmer, M. (2014). Uso de álcool, drogas, níveis de impulsividade e agressividade em adolescentes do Rio Grande do Sul. *Psico*, 45(1), 65–72.
- Araújo, J. V. S., Silva, B. S. L. S., & Cavalcante, L. I. C. (2022). Jovens autores de agressão sexual na Mesorregião Metropolitana de Belém: perfil e relatos de violência. *PSI UNISC*, 6(1), 19–36.
- Arbanas, G. (2022). Personality disorders in sex offenders, compared to offenders of other crimes. *The Journal of Sexual Medicine*, 19 (11, Suppl. 4), S39. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2022.08.022>
- Andrade, C. R. de, Avanci, J. Q., & Oliveira, R. de V. C. de (2022). Experiências adversas na infância, características sociodemográficas e sintomas de depressão em adolescentes de um município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(6), ePT269921. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT269921>
- Baía, P. A. D., Veloso, M. M. X., Habigzang, L. F., Dell'Aglio, D. D., & Magalhães, C. M. C. (2015). Padrões de revelação e descoberta do abuso sexual de crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia*, 24(1). <https://doi.org/10.5354/0719-0581.2015.37007>
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Brandão, V. B. G., Martins, A. M. A., & Marques, J. N. R. (2019). Violência sexual infanto juvenil: uma análise sobre o agressor. *Humanidades (Montes Claros)*, 8(2). Recuperado de <http://revistas.funorte.edu.br/revistas/index.php/humanidades/article/view/123>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed., pp. 793-828). John Wiley & Sons. (Original work published 1998)
- Cochran, J. C., Toman, E. L., Shields, R. T., & Mears, D. P. (2021). A uniquely punitive turn? Sex offenders and the persistence of punitive sanctioning. *The Journal of Research in Crime and Delinquency*, 58(1), 74–118. <https://doi.org/10.1177/0022427820941172>
- Costa, L. P. (2015). *Características biopsicossociais de autores de violência sexual de crianças e/ou adolescentes em contexto intrafamiliar e extrafamiliar* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional UFPA.
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American Journal of Preventive Medicine*, 14(4), 245–258. [https://doi.org/10.1016/S0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/S0749-3797(98)00017-8)
- Fernandes, S. S. S. (2014). *Caracterização do abusador sexual de crianças* [Dissertação de mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões]. Repositório institucional da Universidade Autónoma de Lisboa.
- Ferreira, A. L. S. (2020). *Trajetórias de vida e reclusão: Estudo qualitativo com agressores sexuais* [Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona do Porto].
- Ferraz, M. M. P. F. (2021). *Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes*:

*Experiências adversas na infância e fatores associados* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional UFPA. Recuperado de [https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/13801/1/Dissertacao\\_AutoresAgressaoSexual.pdf](https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/13801/1/Dissertacao_AutoresAgressaoSexual.pdf)

- Ferraz, M. M. P. F., Cavalcante, L. I. C., & Veloso, M. M. X. (2023). Adverse Childhood Experiences: a study addressing the Perpetrators of sexual violence. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3). <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v6i2.17375>
- Franco, R. L. (2022). *Abusadores sexuais de crianças: análise do perfil criminal e da repetição de abusos* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas].
- Gomes, V., Jardim, P., Taveira, F., Dinis-Oliveira, R. J., & Magalhães, T. (2014). Alleged biological father incest: a forensic approach. *Journal of Forensic Sciences*, 59(1), 255–259. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.12310>
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341–348. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>
- Hazama, K., & Katsuta, S. (2019). Cognitive distortions among sexual offenders against women in Japan. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(16), 3372–3391. <https://doi.org/10.1177/0886260516669544>
- Huang, C., Shen, S.-A., & Tung, T. H. (2022). Onset crime typology of sexual offenders and their differences on specialization and risk factors. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.845670>
- Huang, C., Shen, S. A., & Tung, T. H. (2017). Uma análise da trajetória baseada em grupo do histórico criminal de agressores sexuais em Taiwan. *22º Congresso Alemão sobre Prevenção do Crime (GCOCP) e 11º Fórum Internacional Anual (AIF)*.
- Ibiapina, I. C., Silveira, L. G., Reis, D. C., & Cavalcante, L. I. C. (2025). As dimensões do apego e as experiências adversas na infância em universitários na Amazônia. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde e Educação*, 16, e025005. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.16.2025.e025005>
- Ibiapina, I. C., Sousa, A. F. dos S., Magalhães, C. M. C., Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2025). Inventário do conhecimento do desenvolvimento infantil: Estudo com mães em contexto de cárcere na Amazônia. *Debates em Ciência e Sociedade (DCS)*, 22(83). <https://doi.org/10.54899/dcs.v22i83.3346>
- Levenson, J. S., Willis, G. M., & Prescott, D. S. (2016). Adverse childhood experiences in the lives of male sex offenders: Implications for trauma-informed care. *Sexual Abuse*, 28(4), 340–359. <https://doi.org/10.1177/1079063214535819>
- Locatelli, T. Z., Vieira, G. G. da S., Lindner, S. R., Warming, D., & Coelho, E. B. S. (2023). Características de homens e mulheres autores de violência sexual: uma revisão de escopo. *Research, Society and Development*, 12(4), e10812440375. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i4.40375>
- Lowenkamp, C. T., & Latessa, E. J. (2004). Understanding the risk principle: How and why correctional interventions can harm low-risk offenders. *Topics in Community Corrections*.
- Marques, A. F. B. (2015). *Fatores de risco criminal e competências emocionais em ofensores* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade

de Lisboa.

- Martins, C. B. de G., & Jorge, M. H. P. de M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 19(2), 246–255. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000200005>
- McKillop, N., Rayment-McHugh, S., Smallbone, S., & Bromham, Z. (2018). *A comparison of individual, ecological and situational factors associated with adolescence-and adulthood onset sexual abuse of children* (Report No. CRG 30/13-14). Criminology Research Advisory Council. <https://crg.aic.gov.au/reports/1819/30-1314-FinalReport.pdf>
- Miranda, M. H. H., Fernandes, F. E. C. V., Melo, R. A., & Meireles, R. C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 54, e03633. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633>
- Muniz, C. O., Silva, T. B., Assis, C. D., & Carvalho, M. L. (2022). Fatores de risco e proteção na violência sexual intrafamiliar: uma revisão integrativa. *Cuadernos de Educación*, 20(45), 110-125.
- Pereira, M. T., Reis, D. C. dos, Silva, S. S. da C., Cavalcante, L. I. C., & Ferreira, L. S. (2024). Figuras parentais (pais) autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: características biosociodemográficas. *Psique*, XX(1), 22–39. <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.1.2>
- Platt, V. B., Back, I. de C., Hauschild, D. B., & Guedert, J. M. (2018). Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019–1031. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>
- Quayle, E., & Taylor, M. (2003). *Child pornography: An internet crime*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203695548>
- Reis, D. C. (2016). *Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes: Características biopsicossociais e trajetórias de vida* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional UFPA.
- Seto, M. C. (2012). Is pedophilia a sexual orientation? *Archives of Sexual Behavior*, 41(1), 231–236. <https://doi.org/10.1007/s10508-011-9882-6>
- Siria, S., Echeburúa, E., & Amor, P. J. (2020). Características de los agresores sexuales de menores: un estudio empírico. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 28(2), 201–218.
- Siria, S., Echeburúa, E., & Amor, P. J. (2020). Characteristics and risk factors in juvenile sexual offenders. *Psicothema*, 32(3), 314–321. <https://doi.org/10.7334/psicothema2019.349>
- Soares, G. N., Fernandes, M. M., Ko da Cunha, A. M. F., & Souza e Souza, L. P. (2021). Ocorrência de violência intrafamiliar relacionada ao consumo de álcool e outras drogas no Brasil. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 15(2), 44–73.
- Sodipo, O. O., Adedokun, A., Adejumo, A. O., & Olibamoyo, O. (2018). The pattern and characteristics of sexual assault perpetrators and survivors managed at a sexual assault referral centre in Lagos. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*, 10(1), e1–e5. <https://doi.org/10.4102/phcfm.v10i1.1727>
- Soares de Araújo, J. V., Do Socorro Lima da Silva e Silva, B., & Iêda Chaves Cavalcante, L. (2021). Jovens autores de violência sexual na Mesorregião Metropolitana de Belém: perfil e

- relatos de violência. *Psi Unisc*, 6(2), 19–36. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v6i2.17375>
- Urzêdo, S. R. P., & Aragão, A. S. (2024). Violência sexual contra crianças e adolescentes pelas lentes da interseccionalidade: uma revisão sistemática de literatura. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, 15(2), 149–158. <https://doi.org/10.21727/rm.v15i2.4770>
- Valença, A. M., Falcão, R., Freire, R. C., Nascimento, I., Nascentes, R., Zin, W. A., & Nardi, A. E. (2012). The relationship between the severity of sexual offenses and the mental health of sex offenders. *Journal of Forensic Sciences*, 57(5), 1314–1318. <https://doi.org/10.1111/j.1556-4029.2012.02220.x>
- Valença, A. M., Nascimento, I., & Nardi, A. E. (2013). Relationship between sexual offences and mental and developmental disorders: a review. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40(3), 97–104. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000300004>
- Xavier, A. S., & Nunes, A. I. L. B. (2019). *Psicologia do Desenvolvimento*. Universidade Estadual do Ceará. Recuperado de <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431892>

## **Informações complementares**

*Recebido em:* 14/12/2025

*Aceito em:* 19/12/2025

*Publicado em:* 23/12/2025

### **Editoras responsáveis:**

**Autor correspondente:** Camille Bastos Guimarães.

**Email:** [camillebastosg.psi@gmail.com](mailto:camillebastosg.psi@gmail.com)

**Conflito de interesses:** As autoras alegam que este artigo não possuiu conflito de interesse de nenhuma natureza.

**Financiamento:** Houve o recebimento de financiamento/apoio financeiro CNPq para o projeto que deu origem a esta publicação

**Contribuição dos autores:** Camille Bastos Guimarães: Conceitualização, Análise de dados, Pesquisa, Metodologia, Redação do manuscrito original e Redação – revisão e edição. Daniela Castro dos Reis: Conceitualização, Análise de dados, Pesquisa, Metodologia, Supervisão e Redação do manuscrito. Iara Corrêa Ibiapina: Pesquisa, Metodologia, Redação do manuscrito original e Redação – revisão e edição. Clarisse Monteiro Barroso: Metodologia. Lília Iêda Chaves Cavalcante: Análise de dados, Pesquisa, Metodologia e Supervisão.

### **Dados dos autores:**

- *Camille Bastos Guimarães.* Acadêmica de Psicologia, e bolsista no Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento em Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará. Atualmente compõe o Grupo de Estudo de Autores de Violência (GEAV).

- *Daniela Castro dos Reis.* Psicóloga, Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento, e Professora no Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará. Atualmente faz parte da coordenação do Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV).

- *Iara Corrêa Ibiapina.* Acadêmica de Psicologia no Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, e bolsista no Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento em Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará. Atualmente compõe o Grupo de Estudo de Autores de Violência (GEAV) e o Projeto Universal “Mães em Contexto de Cárcere na Amazônia”.

- *Clarisse Monteiro Barroso.* Acadêmica de Psicologia, e bolsista no Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento em Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará. Atualmente compõe o Grupo de Estudo de Autores de Violência (GEAV).

- *Lília Iêda Chaves Cavalcante.* Assistente Social, Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento, e Professora no Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará. Atualmente faz parte da coordenação do Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV).

---

### **Declaração de Direito Autoral**

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](#)